

João Pandiá Calógeras

LUÍS PINTO

Concretizando nosso desejo de oferecer aos leitores desta Revista dados biográficos de grandes vultos de nossa Administração Pública, apresentamos hoje, através da pena de Luís Pinto, alguns aspectos da vida funcional de Pandiá Calógeras, espírito universal de administrador, a quem o Brasil muito deve e de quem as modernas gerações muito têm que aprender. (N. R.).

NENHUM homem público no Brasil, em qualquer de suas etapas políticas e administrativas, conseguiu, como Pandiá Calógeras, condensar em torno do seu nome maior soma de realizações objetivas, empreendimentos patrióticos e racionais, senso administrativo e honradez, como ainda maior pálio de modéstia e simplicidade.

Foi êle, como se poderá dizer, um daqueles que já nasceram grandes. Filho de Michel e dona Júlia Ralli Calógeras, o nosso estadista é de 19 de junho de 1870, nascido na cidade do Rio de Janeiro.

De início, como observa Antônio Gontijo de Carvalho, o menino Calógeras estudou desordenadamente, com professôres particulares, em Petrópolis, notadamente professôres alemães, que consolidaram de tal modo os seus preparos humanísticos que lhe permitiram, de uma só vez, fazer, no Pedro II, treze preparatórios, tendo tido, entre os seus examinadores, figuras como Capistrano de Abreu.

Detentor de grande preparação e conhecimentos perfeitos das humanidades, o joven Pandiá Calógeras fôra, na velha escola de Ouro Preto, com 15 anos apenas, nomeado para examinar francês, inglês, história e geografia, fato êste que muito o distinguiu entre todos os seus contemporâneos.

Matriculado na Escola de Ouro Preto, em 1884, não havia mais de 30 companheiros, dos quais chegaram ao fim do curso somente três, sendo um dêles Calógeras, que, da sua turma, foi o

primeiro aluno. Nos preparatórios, como no curso superior, era exemplar a sua conduta e a sua alta compreensão dos deveres e responsabilidades.

Aos 20 anos de idade estava João Pandiá Calógeras formado, e com distinção, obtendo prêmio de viagem à Europa.

Entusiasta, logo cedo, do Brasil e dos seus grandes problemas, Calógeras, depois de formado, dedicou-se a pesquisas de geologia, no Estado de Santa Catarina, escrevendo mais tarde dois estudos técnicos sôbre o meteorito de Santa Catarina e o "Le Fer nicklé de Sainte Caterine", que foi também lançado numa revista alemã.

Fixando residência em Uberaba e já casado com dona Elisa Guima, escrevia êle, como nos mostra o seu grande biógrafo Gontijo, para o "Jornal do Comércio" palpitanes ensaios sôbre siderurgia e diamantes, focalizando assuntos inteiramente novos àqueles tempos e à mente dos nossos homens de govêrno.

Aos 33 anos Calógeras lança o seu livro "As Minas do Brasil", talvez sua obra prima, na opinião dos técnicos. Tornava-se assim o novel engenheiro um apaixonado da administração pública, um entendido, um cultor da técnica racionalizada. Êsse trabalho foi de enorme repercussão na época e ainda hoje se torna um estudo citado e oportuno, pela feição definitiva que recebeu do seu autor.

O seu nome se projetava por todo o Brasil, apesar da sua modéstia. E, em 1896 Calógeras era escolhido para Consultor Técnico da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, onde se firmou como homem de capacidade de trabalho, como homem de intuição, de idéias claras e sobretudo como um objetivador seguro.

Tais foram os seus trabalhos e concursos na terra mineira, tão profundas foram as suas reformas, que o seu nome surgiu para deputado fe-

deral, tendo o ilustre brasileiro Francisco de Sá, a propósito, escrito o seguinte juízo, publicado por um dos seus biógrafos :

“No estudo das mais importantes e da mais complexas questões afetas a esta secretaria, revelastes capacidade de trabalho tão excepcional, tão notável compreensão dos verdadeiros interesses mineiros, tão completa aptidão para encarar e resolver as dificuldades científicas submetidas ao vosso estudo, que a falta de vossa cooperação se torna verdadeiramente sensível”.

A vida e atuação de João Pandiá Calógeras no Parlamento Nacional vieram marcar como que uma nova era, diferente em tudo das demais, porque para êle, no seu raciocínio de homem de estado e de patriota, o que mais interessava ao povo eram as soluções dos problemas brasileiros, soluções que resultassem em seu benefício e no engrandecimento do país. Daí, dessa sua auto-deliberação, a seriedade que dispensava às questões administrativas e preponderância que de sua parte recebiam todos os processos que direta ou indiretamente pudessem trazer alguma cousa de prático à nação e ao povo.

Especializou-se, se assim podemos dizer, em assuntos de guerra, em assuntos militares, de marinha, em minas, em estradas de ferro, em questões de limites, se é que não era especializado em tôdas as questões do Brasil. A sua opinião era fria, meditada, segura, certa, e, porisso mesmo, era sempre decisiva e conclusiva. Era, em tudo, na administração como no Parlamento, mais o professor, que sabia mandar, ensinar e fazer, sempre menos teórico do que prático.

Tinha pavor dos casos pessoais. E, nos casos de interesse geral, considerava-se mais um representante do Brasil que de Minas Gerais.

Sabendo cumprir a risca a palavra empenhada, Pandiá Calógeras apresenta um programa ao eleitorado mineiro, a 7 de fevereiro de 1897, no qual há um trecho que merece ser ressaltado, por ter sido adotado na Constituição de 24 de fevereiro :

“Condição essencial de paz e de respeito à existência constitucional da União, a autonomia dos Estados deve ser a religião intangível de todos os brasileiros”.

Entre todos os problemas de administração, que mereciam igualmente o seu carinhoso estudo, Calógeras preocupava-se com o caso da redução das

tarifas e das estradas de ferro. Foi sempre o problema ferroviário do Brasil a sua continuada preocupação, o qual estudou em detalhes e esquemmatizou.

Gontijo, no seu famoso livro “Calógeras” afirma que :

“Não é leviandade afirmar que, na legislatura de 1899, a figura de maior projeção dos montanhesez fôra o jovem João Pandiá Calógeras”.

Viajando a Europa, onde realizou estudos e proferiu conferências sôbre o Brasil, Calógeras volta ao Parlamento para continuar a sua faina de brasilidade. Fôra o criador e sistematizador da nossa legislação de minas.

Era Calógeras uma espécie de enciclopédia das coisas do Brasil. Sabia tudo e de tudo; discutia sôbre tudo; para tudo tinha um remédio certo. Nenhum pormenor escapava à sua argúcia, nem técnico nem político.

Sempre no Parlamento, Pandiá Calógeras ia atuando brilhantemente em todos os setores da vida nacional, tendo, a convite de Rio Branco, que lhe dedicava grande estima pessoal e admiração, feito parte da quarta Conferência Pan Americana, que se reuniu em Buenos Aires, na qual se portou à altura das suas tradições de homem de trabalho, de inteligência e bom brasileiro.

Consolidado como grande conhecedor do seu país e das suas necessidades e problemas ingentes, em 1914, quando assumia a pasta da Agricultura Calógeras já era “possuidor de um programa de govêrno”.

Descentralizar a administração foi o seu primeiro passo, seguindo de certo aquêles ensinamentos que estavam expressos em Tavares Bastos, e que a sua inteligência de logo alcançou, com a intuição profunda que ilustrava o seu espirito. Começa então na agricultura um reacordamento completo, um entusiasmo diferente, moldado no trabalho intuitivo e produtivo, no trabalho sem espalhafato de propaganda, mas eficiente, conciente e necessário à reconstrução que se iniciava.

Não deixando nenhum dos setores sem o devido fomento, na apresentação do seu orçamento, no govêrno de Wenceslau Braz, diz como justificativa :

“Em situação como a atual, que só encontrará sua fórmula salvadora no rápido incremento da

riqueza pública, nenhum caminho levará mais depressa à reconstrução financeira e econômica do país do que este, que visa intensificar, por todos os modos e com o menor dispêndio de tempo, a pecuária nacional”.

Tempo mais tarde, como Ministro da Fazenda, onde teria de demorar pouco, Pandiá Calógeras recebia um acêrvo de descalabro, acrescido daquela sentença ruiarboseana, de que o Brasil “era espólio de uma casa roubada”. Mas, mesmo assim, enfrentou tôdas as dificuldades, e, quase milagrosamente, traçou linhas claras ao cáos que lhe entregaram, sendo a sua obra naquela pasta, logo mais tarde, proclamada e reconhecida pelos homens mais responsáveis pela causa pública.

O engenheiro João Pandiá Calógeras, fôra entre os raros homens públicos do Brasil, um dos que podiam assumir qualquer pasta, porque entendia de todos os nossos problemas e particularmente de cada um dêles, sendo mesmo profundo nos de natureza militar, como demonstrou de modo patente ao tempo em que dirigiu a pasta da Guerra.

Fez-se um técnico especializado em questões de defesa da pátria. E tão larga correu a sua fama que no govêrno Epiitácio Pessoa lhe fôra entregue a pasta militar, cuja atuação está descrita nesta passagem do livro de Antônio Gontijo de Carvalho, que é, sem dúvida, o melhor estudo da sua vida :

“Em síntese modelar, descreve o glorioso ministro os motivos que determinaram a enfrentar o problema capital e mais angustiioso do seu govêrno, que é o dos aquartelamentos e cuja concretização é a maior das suas vitórias.

“A criação das novas unidades, o aumento dos efetivos de instrução de outras, as condições precaríssimas e até inacreditáveis de muitas casernas antigas, o desenvolvimento do ensino militar, o indispensável estabelecimento de depósitos regionais, que não existiam e de outros centrais, que eram insuficientíssimos; os melhoramentos nas instalações dos serviços de saúde e veterinária, tudo isto poz em foco e em primazia no Exército o problema dos aquartelamentos, sem os quais nada vale resolver os do pessoal e os do material”.

Eis aí uma síntese da sua obra de gigante, proclamada pelos grandes chefes do nosso Exército, que o ajudaram nas tarefas ingentes, nas reali-

zações poderosas, visando sempre o Brasil, os interesses do Brasil, a grandeza do Brasil.

Incansável na sua volúpia de saber e de ser útil aos seus compatriícios, Pandiá, em 1923, fugindo às fermentações da política partidária, embarcou para a Europa, com o intuito de estudar artefatos de cobre, traçando um vasto plano de ação e conjugando para isto técnicos nacionais e estrangeiros, que teriam de ajudá-lo na conclusão das suas tarefas científicas.

Não pôde, entretanto, o mestre escapar às intrigas políticas. E eis que, de 1926 em diante, foi colhido pelo ostracismo, privando-se o Brasil oficial da sua ilustre colaboração. Tentava-se por êsse processo, anular a ação dêsse singular estadista, a quem o Brasil ficou realmente a dever uma soma colossal de serviços úteis e notáveis realizações.

Não o venceram, todavia. Cerceado pelos políticos, Pandiá Calógeras, que era mais um técnico, volveu-se para outro ângulo e aspecto da vida nacional. Escreveu uma série de livros, tão grandes quanto a obra esparsa de administração, porque concentrava o seu pensamento e a sua idéia, traçando os esquemas maduros em páginas que o futuro terá de ler e contemplar, admirando-as.

“Política Exterior do Império”, “Problemas de Govêrno”, “Problemas de Administração” e “Formação Histórica do Brasil” são estudos fortes demais para serem esquecidos. Entre os nossos maiores, como Varnhagen e Capistrano de Abreu, êle se assenta e realça, pela concisão, pela profundesa analítica, pelo espírito de pesquisa e interpretação, pela simplicidade e belesa do estilo, pela orientação e disposição dos assuntos versados, onde se sente, além do fato social e histórico, a atualização estatística como base das suas afirmações.

Depois de haver-se recusado formalmente a tomar parte na Junta de Govêrno, após a Revolução de 1930, João Pandiá Calógeras era, logo na Constituinte, eleito deputado federal por Minas Gerais.

Calógeras, tendo sido tudo neste país, viveu e morreu pobre.

Como publicista, como técnico, como administrador, como homem, como pai de família, cristão, professor, chefe, amigo, os juízos críticos destacam a sua rara personalidade, citando fatos e ocorrên-

cias, onde a sua palavra sutil, as suas sentenças e os seus pensamentos são dignos de um Pascal ou Santo Agostinho.

Nunca mudara a diretiva da vida. Enciclopédico, Calógeras servia ao Brasil e aos brasileiros, sempre com muito espírito público, mas também com infinita bondade, com indiosincrasia apenas às separações e às intrigas, que tanto deservem à nacionalidade. Era sereno e humano ao julgar os homens. Insenso a bajulice; não ouvia histórias que tinham um conteúdo de interesse mentiroso. Punha-se acima dessa densidade comum à

vida pública e, sôbre ela, focalizava os raios da sua bondade enérgica e construtiva.

Administrador, além e sobretudo, João Pandiá Calógeras há de figurar sempre, em todos os quadros da vida administrativa do Brasil, como seu maior administrador.

A sua morte verificou-se a 21 de abril de 1934, na cidade de Petrópolis. Era então Deputado Federal, e, como das outras vêzes, curvado embora à doença, trabalhava dia e noite no estudo dos problemas do Brasil.